

EXTENSÃO RURAL E JUVENTUDE: A EXPERIÊNCIA DOS CLUBES 4-S EM MINAS GERAIS (1950-1980)

Solange Batista de Souza
Marcelo Leles Romarco de Oliveira

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investiga a trajetória e atuação dos Clubes 4-S (saber, sentir, saúde e servir) de jovens rurais e sua implantação no meio rural, por meio do Serviço de Extensão Rural em Minas Gerais, entre as décadas de 1950 a 1980. A relevância dessa pesquisa está em contribuir para a memória do tema em questão, compreendendo os Clubes 4-S através de uma abordagem histórica, e também por trazer a leitura de uma instituição motivada pelo desenvolvimento econômico e social do meio rural brasileiro, e ainda por contribuir com os estudos da Extensão Rural no estado de Minas Gerais.

Gomes (2013) ao analisar a atuação dos Clubes 4-S em Minas Gerais no período de 1952 a 1974 relata que na década de 1960 foi registrado o maior número de jovens associados aos clubes, e também surgia um grande número de novos clubes, não apenas no estado de Minas Gerais, mas também em outras regiões do país. Nesse período foi considerado o auge dos Clubes 4-S, chegando a contar com cerca de 80 mil integrantes.

Percebe-se que o discurso promovido pela Extensão Rural através dos Clubes 4-S, interferiu diretamente no cotidiano dos jovens rurais, argumentando contribuir para o desenvolvimento social e econômico do jovem e sua família. Desse modo, procura-se demonstrar aquilo que o discurso extensionista não comportou, ou seja, quais foram as falhas dessa política pública executada pela Extensão Rural, que culminaram na decadência dos Clubes 4-S no Brasil.

Dessa forma, nesta dissertação procurou-se responder às seguintes questões: Quais eram os objetivos da Extensão Rural junto à juventude no período em que os Clubes 4S funcionaram no Brasil? Quais eram as

justificativas e a metodologia do trabalho desenvolvido com a Juventude Rural no Brasil? Em que medida esses Clubes reproduziram o modelo norte-americano?

2. METODOLOGIA

O presente trabalho possui caráter exploratório-descritivo de abordagem qualitativa. Para Minayo (1993) a pesquisa qualitativa é uma forma para se obter conhecimento de um fenômeno social. Dessa forma, esta pesquisa foi realizada em duas fases, sendo que a segunda fase teve dois momentos distintos.

A primeira fase consistiu em uma pesquisa bibliográfica sobre os temas relacionados a esse estudo: modernização da agricultura, juventude, educação no campo e extensão rural, tendo como contexto sócio antropológico o mundo rural no período de 1950 a 1980 e suas transformações no Brasil.

Posteriormente, foi realizado entre os meses de setembro e outubro de 2014, uma pesquisa documental, no Centro de Documentação e Pesquisa em Extensão Rural Engenheiro José Alfredo Amaral de Paula, localizado no escritório da EMATER, na cidade de Belo Horizonte MG.

Nesse momento da pesquisa, objetivou-se compreender o cotidiano em que os jovens rurais e outros atores sociais que se tornaram visíveis no cenário rural no qual se encontravam inseridos, bem como analisar o conteúdo do material produzido sobre a juventude rural entre as décadas de 1950 a 1980 em Minas Gerais. Entre os documentos foram encontradas diversas revistas, cartilhas, jornais, folhetos informativos, fotografias, desse modo, foram analisados artigos publicados em revistas e em jornais, periódicos, tabelas estatísticas, documentos e fotografias.

A segunda fase desse trabalho consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistados três extensionistas brasileiros que trabalharam com os Clubes 4-S. Além disso, a pesquisa focou-se em extensionistas e pesquisadores americanos, que tivessem trabalhado diretamente com projetos e ações desenvolvidas para os Clubes 4-H nos Estados Unidos. Considerando a importância de se compreender a filosofia

e o trabalho dos Clubes que serviram de inspiração para o trabalho com a juventude rural no Brasil, esses personagens foram fundamentais para essa pesquisa. Desse modo, no período de outubro a dezembro de 2014 foi realizado o trabalho de campo no Estado da Flórida-EUA onde foram entrevistados três extensionistas.

É importante destacar que, inicialmente, teve-se a intenção de entrevistar os jovens que participaram dos Clubes 4-S, no entanto, em razão do surgimento de dificuldades no que se refere à localização dos ex-integrantes dos Clubes, não foi possível a realização dessas entrevistas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No Brasil, os Clubes 4-S se configuraram como uma das principais ações voltadas para a juventude rural desenvolvida pela Extensão Rural no Brasil no século XX. Os Clubes reuniam meninos e meninas, e sob a orientação de extensionistas, realizavam atividades como lavoura demonstrativa, cultivo de horta, campanhas voltadas à higiene pessoal, melhoramento de edificações nas propriedades, seminários e encontros com atividades recreativas, entre outras atividades, com o intuito de demonstrar os benefícios e as vantagens que a modernização da agricultura poderia proporcionar ao campo (VIEBRANTZ, 2008).

Assim sendo, a atuação dos Clubes 4-S teve início no município de Rio-Pomba-MG, no ano de 1952, por iniciativa do engenheiro agrônomo Geraldo Luiz Ribeiro em parceria com a funcionária da ACAR-MG, Iracema Alves Garcia e com o auxílio da professora rural Nila Silva de Paula (SILVA, 2002; SOUZA, 2003; GOMES, 2013). Ao discursar sobre o surgimento do Clube 4-S, o boletim informativo número 23 da EMATER-MG, no ano de 1977, esclarece que:

Nascia assim o Clube 4-S “São José”, inspirado nas quatro letras S do trevo-símbolo: Saber-adquirir conhecimentos úteis; Sentir-despertar os sentimentos nobres; Servir-trabalhar para a comunidade e para si mesmo; saúde-lutar pelo bem-estar individual e coletivo, para uma vida melhor (EMATER, 1977:3).

Os registros informam que, na ocasião do surgimento dos Clubes 4-S, a ACAR-MG era dirigida por Mr. Walter L. Grawford, que tinha como assessores Mr. Santiago D. Apodaca e Miss Aleta Mc Dowell, ambos com larga experiência de trabalho com os Clubes 4-H nos Estados Unidos (EMATER-MG, 1997). Porém, não foi possível compreender se o início do Clube se deve ao fato de que os primeiros dirigentes da ACAR terem sido americanos e possuir uma larga experiência com o trabalho com jovens rurais ou se foi uma iniciativa da técnica de campo.

Os registros apontam que o primeiro Clube 4-S do Brasil, foi denominado Clube 4-S “São José” e:

Nilá Silva de Paula, uma professora modesta e líder local, aceitando a sugestão dos extensionistas da ACAR de Rio Pomba, Geraldo Luiz Ribeiro e Iracema Alves Garcia, reuniram seus alunos da Escola Rural Cel. Cláudio Gomes. O primeiro trabalho em grupo: plantaram uma árvore no pátio da escola. Logo nos primeiros meses, o clube promoveu diversas campanhas, que levaram as famílias da Igreja a comprar filtros, tratar as verminoses, cultivar hortas, instalar fossas, combater a formiga. Vieram alguns cursos práticos: de pedreiro, parteira e outros. O clube cresceu. Começaram os financiamentos para projetos de formação de pomares, plantio de café, avicultura. Em outros estados chegavam também os Clubes 4-S. Hoje, ao completar 25 anos de existência Minas têm 800 clubes, com 20 mil associados (EMATER, 1977:3).

Dona Nilá, a professora rural da comunidade de Igreja, é considerada a pioneira no trabalho com a juventude rural em Minas Gerais. Antes mesmo da implantação e consolidação dos Clubes 4-S no Brasil, vimos que Dona Nilá, em seu papel de educadora, e como membro da comunidade, era persistente no trabalho de educação e formação de seus alunos, buscando prepara-los para ser, no futuro, exemplo de jovens disciplinados, que valorizassem o trabalho, a família, e o progresso da nação.

Percebe-se que os Clubes 4-S também se configuraram como uma estratégia de lazer para os jovens do campo. Após terem desenvolvidos seus projetos individuais, os jovens quatroessistas tinham a oportunidade de

expor o resultado final de seu trabalho, que poderiam ser por meio de feiras locais e regionais, exposições e concursos. Esses eventos eram realizados em praticamente todos os municípios que abrangiam o trabalho com a juventude rural, e os vencedores de concursos eram premiados com bolsas de estudo, intercâmbios e máquinas agrícolas. Os jovens também tinham a oportunidade de conhecer outros locais mediante eventos realizados pelo clube, como por exemplo, as convenções estaduais e nacionais, ocorridas anualmente, seminários e congressos internacionais.

O entrevistado 03 relatou um acontecimento que contribui para o debate sobre o lazer dentro dos Clubes, que foi uma excursão realizada pelos jovens do Clube 4-S “Aliciano”, do município de Cajuri-Mg.

Em 1985 foi o Ano Internacional da Juventude. Naquela ocasião nós conseguimos o patrocínio da loteria de Minas pra uma excursão com os jovens para a cidade de Ouro Preto, onde foi pago tudo. Acredito que isso ocorreu porque justificávamos o que era o clube 4-S, qual a proposta do trabalho, qual que era o objetivo, e naquela ocasião, na comunidade em que eu trabalhava, tinha só até a 8 série. Então, para eles a viagem foi uma verdadeira aula de história, porque tinha pessoas lá que nunca tinham ido a Ouro Preto, mal conheciam Viçosa (ENTREVISTA, 03, 2014).

As principais datas comemorativas para os jovens dos Clubes 4-S eram o Dia Nacional dos Clubes 4-S, que era comemorado todo dia 15 de julho, e o seminário da juventude rural, o qual acontecia todos os anos, e reunia os jovens participantes dos Clubes 4-S de todo os Estado de Minas, no município de Belo Horizonte MG.

A pesquisa apontou que essa forma de realizar as atividades a valorização pelo lazer, por datas comemorativas e até mesmo as orientações de trabalho dos Clubes 4-S, se inspiraram no modelo norte americano dos Clubes 4-H, que foram pioneiros no mundo com trabalhos com juventude. Que tinha como proposito levar até a criança e o jovem a oportunidade de crescimento e desenvolvimento de suas habilidades, não importando se o jovem se encontra no meio urbano ou rural.

Também se pode observar que as propostas dos Clubes 4-H se diferenciaram de acordo com o clima, o tipo de agricultura e a economia desenvolvida em cada estado, adaptando-se as necessidades dos jovens em cada região.

Desse modo, de acordo com os depoimentos e documentação, o trabalho de organização dos Clubes 4-H visa a formação de jovens com as características de liderança e dinamismo, buscando prepara-los para possíveis adversidades. A expectativa é desenvolvê-los como cidadãos ativos e participativos em suas comunidades, seja no âmbito urbano, ou rural. Para tais objetivos, são utilizadas estratégias que buscam ir além do espaço escolar e da agricultura.

Ressalta-se que após quase 50 anos de trabalho com os jovens rurais, os Clubes 4-H se estenderam para o espaço urbano (WESSEL, 1982). Esse acontecimento permite perceber a adaptação dos Clubes 4-H ao meio urbano, o que ocorreu no sentido de acompanhar as demandas juvenis. Para os agentes 4-H, as habilidades desenvolvidas por jovens e crianças dentro do Clube podem ser utilizadas para a vida toda independente do espaço que este viva. Portanto, os programas atualmente trabalham com três grandes áreas: a ciência, a saúde e a liderança juvenil. No âmbito da ciência, são trabalhadas questões como: agricultura, pecuária, engenharia, robótica, tecnologia da computação, meio-ambiente, horticultura e jardinagem. Em relação aos cuidados com a saúde são trabalhados aspectos como nutrição e prática de esportes, ambos inseridos em um projeto chamado “vivendo com saúde”. Como atualmente nos Clubes 4-H não existe uma separação nos serviços entre o setor urbano e rural, os programas são ofertados para todos os jovens, independentemente da localidade em que residem. Desse modo “Dentro do que as crianças escolhem participar, é inserido o conceito de ser um cidadão melhor” (ENTREVISTA 4, 2014).

Após a realização dos cursos, os jovens organizam workshops e apresentações para compartilharem o aprendizado adquirido. Dessa forma, operacionaliza-se a ideia de um aprendizado voltado para a sociedade, quando os conhecimentos obtidos por meio do Clube são compartilhados com a comunidade.

Em síntese, pode-se dizer que os Clubes 4-H nos EUA, no passado e na atualidade, se configura como estratégia institucional voltada para mobilização e organização social de localidades, por meio de ações formativas para jovens rurais, que, posteriormente, foram ampliadas para os espaços urbanos. Nessas ações, as interações desses jovens com os outros se dão por meio da intervenção de outros agentes, responsáveis pelo que chamam de “ensino” de atividades práticas e operativas, que esses agentes diagnosticam como sendo de “interesse” desses jovens.

No caso brasileiro cabe uma ressalva essa tendência de valorizar a juventude independente do espaço (rural ou urbano) não se confirmou, ou seja, ao invés de se adaptar aos novos tempos os Clubes 4-S no Brasil acabou encerrando suas atividades na década de 1980.

4. CONCLUSÃO

No presente estudo, percebeu-se que a experiência dos Clubes 4-S no Brasil realizado junto aos jovens do campo de 1952 ao fim dos anos de 1980, seguiu forte inspiração ao modelo Norte Americano dos Clubes 4-H, assim como, quase todo o Serviço de Extensão Rural teve ao longo dos primeiros anos do surgimento desse serviço.

Concluí-se com a pesquisa que a ação dos Clubes 4-S participou das grandes mudanças no meio rural, no entanto, essas transformações não alcançaram a todos os jovens e a todas as famílias, o que resultou um processo de exclusão de vários jovens. Tudo indica que grande parte dos jovens que não conseguiram se inserir no processo de modernização imposta pelo extensionismo e viram-se excluídos da “revolução verde” que ocorria no meio rural. Entretanto, ficou instituída no campo a metodologia utilizada pela Extensão Rural através dos Clubes 4-S. As desigualdades no campo marcaram o processo como excludente e seletivo, e aqueles jovens que não tinham terra e nem conseguiam investir ou permanecer na atividade rural, não foram contemplados.

Dessa maneira, foi possível perceber que, embora os resultados alcançados pela ACAR/EMATER-MG tenham contribuído de forma positiva

para os jovens e suas famílias, em algumas comunidades, muitos foram os obstáculos encontrados para que os sócios dos Clubes 4-S pudessem atingir seus objetivos, pois, apesar de ser considerado um projeto de viés assistencial e sem nenhuma distinção de classes, o trabalho quatroessista revelou-se excludente daqueles que não tinham acesso a terra e aos financiamentos bancários.

Assim, os Clubes 4-S podem representar uma experiência de ação institucional com a juventude que desafia a necessidade de melhor definição do significado social dos jovens para além da delimitação por faixa etária ou do local de residência, se rural ou urbano. O que o jovem significa para a sociedade na qual ele cresce e desenvolve? Sua condição de sustentabilidade ou de necessidade de mudança. Mas qual mudança se faz necessária? Aquela a ser definida e construída com ele e que envolve valores, habilidades para uso dos recursos e possibilidade de exercício de direitos, que no caso dos jovens do campo, no Brasil, indelevelmente significa, primeiro, direito de acesso a terra.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EXTENSÃO EM MINAS GERAIS. Empresa de Assistência técnica e Extensão Rural de Minas Gerais. EMATER-MG. *Informativo n. 23*, Belo Horizonte: Setembro, 1977.
- GOMES, Leonardo Ribeiro. *Progredir Sempre. Os jovens rurais mineiros nos clubes 4-S: Saber, Sentir, Saúde, Servir – 1952-1974*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.
- MINAYO, Maria. Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SILVA, Claiton Márcio. *Saber, Sentir, Servir e Saúde: a construção do novo jovem rural nos Clubes 4-S, SC (1970-1985)*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.
- SOUZA, Sirlei de Fátima. *Tradição X modernização: a ação dos Clubes 4-S em Passo Fundo (1950-1980)*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Passo Fundo, 2004.

VIEBRANTZ, Kerli Paula Melz. A extensão rural: ambiente, agricultura e Associativismo. *Revistas Grifos*, n. 25, Dezembro: 2008.

WESSEL, Thomas; WESSEL, Marilyn. *National 4-H Concl.* Chevy Chase, Maryland: EUA, 1982.

Agência Financiadora da Pesquisa: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Banca: Marcelo Leles Romarco de Oliveira, Bianca Aparecida Lima Costa, France Maria Gontijo Coelho.